



PERIÓDICUS

ISSN: 2358-0844

n. 20, v. 3
out-dez. 2024
p. 200-215

Uma análise sobre a culpa, o medo e a vergonha em *A palavra que resta*, de Stênio Gardel

(An analysis on the feelings of guilt, fear and shame in *A palavra que resta*, by Stênio Gardel)

(Un análisis sobre la culpa, el miedo y la vergüenza en *A palavra que resta*, de Stênio Gardel)

Raul Leme Medeiros¹
João Pedro Wizniewsky Amaral²

RESUMO: Este artigo oferece uma análise crítica da personagem Raimundo, protagonista do romance *A Palavra que resta* (2021), do escritor cearense Stênio Gardel, a partir dos sentimentos de culpa, medo e vergonha em relação à sexualidade. Utilizando um referencial teórico e uma abordagem analítica transdisciplinar que integra estudos literários, psicanálise e ciências sociais, o presente trabalho examina como esses sentimentos, potencializados por uma sociedade fortemente calcada em valores cristãos, operam como mecanismos de controle social, afetando a trajetória do protagonista. Destacamos como a família possui um papel fundamental na disseminação do sentimento de culpa cristã inculcado em Raimundo. Todavia, além das temáticas principais discutidas neste estudo, pontuamos o processo de libertação do protagonista, que, a partir da meia-idade, elabora os traumas e inicia um processo de aceitação da própria sexualidade, superando os sentimentos que o tolheram ao longo da vida.

PALAVRAS-CHAVE: literatura brasileira; culpa cristã; medo; vergonha; *A palavra que resta*.

Abstract: This article offers a critical analysis of the character Raimundo, protagonist of the novel *A palavra que resta* (2021), by the Brazilian writer Stênio Gardel, focusing on the feelings of guilt, fear and shame concerning sexuality. By using a theoretical framework and a transdisciplinary analytical approach which relies on literary studies, psychoanalysis and social sciences, this work examines how these feelings, enhanced by Christian values, operate as mechanisms of social control, affecting the protagonist's journey. We highlight how the family plays a fundamental role in transmitting Christian guilt to Raimundo. However, in addition to the main themes discussed in this study, we point out the protagonist's liberation process: from middle age onwards, Raimundo elaborates his traumas and accepts his sexuality, overcoming the feelings that hindered him throughout his life.

Keywords: Brazilian literature; Christian guilt; fear; shame; *A palavra que resta*.

Resumen: Este artículo ofrece un análisis crítico del personaje Raimundo, protagonista de la novela *A palabra que resta* (2021), del escritor brasileño Stênio Gardel, a partir de los sentimientos de culpa, miedo y vergüenza en relación con la sexualidad. Utilizando un marco teórico y un enfoque analítico transdisciplinario que integra estudios literarios, psicoanálisis y ciencias sociales, el presente trabajo examina cómo estos sentimientos, potenciados por una sociedad fuertemente arraigada en valores cristianos, operan como mecanismos de control social, afectando la trayectoria del protagonista. Destacamos cómo la familia tiene un papel fundamental en la difusión del sentimiento de culpa cristiana inculcado en Raimundo. Sin embargo, además de las temáticas principales discutidas en este estudio, señalamos el proceso de liberación del protagonista, que, a partir de la mediana edad, elabora los traumas y comienza un proceso de aceptación de su propia sexualidad, superando los sentimientos que lo reprimieron a lo largo de la vida.

Palabras clave: literatura brasileña; culpa cristiana; miedo; vergüenza; *A palavra que resta*.

1 Doutorando em Letras pela Universidade Estadual Paulista, *campus* de São José do Rio Preto (Unesp/Ibilce). raul.leme-medeiros@unesp.br.

2 Doutor em Estudos Literários pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). jpwamaral@gmail.com.



Artigo licenciado sob forma de uma licença Creative Commons [Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/). (CC BY-NC 4.0)

Recebido em 29/03/2024
Aceito em 18/07/2024

1 Introdução

Em sociedades profundamente moldadas por valores, parâmetros morais e preceitos de base no cristianismo, a culpa, o medo e a vergonha assumem um papel crucial como forma de controle e disciplina sobre a população. Tais sentimentos permeiam a organização social, as relações interpessoais e, sobretudo, a própria subjetividade, seja por meio do discurso ou por meio de formas de agir socialmente. Ao serem internalizados, esses sentimentos tornam-se instrumentos que restringem expressões de identidade e de individualidade. Assim, intimamente ligados à ideia do pecado, a culpa, o medo e a vergonha operam como instrumentos de dominação social. Conseqüentemente, por meio de uma perpetuação hierárquica e hegemônica de valores cristãos, esses sentimentos recaem com mais peso em grupos dissidentes e estigmatizados, como a comunidade LGBTQIAPN³.

A sociedade brasileira, por exemplo, encaixa-se nesse padrão. De acordo com pesquisa feita pela Global Religion em 2023⁴, o Brasil figura em primeiro lugar (empatado com África do Sul) como país que acredita em Deus, dentre 26 países pesquisados. Ainda baseado na pesquisa, dos brasileiros que possuem religião, 70% são cristãos.

Embora tenha diminuído o número de católicos no país nos últimos anos, observa-se um aumento significativo do segmento evangélico, principalmente de neopentecostais. Esse segmento, em específico, parece buscar uma imposição de religião sobre o Estado, ainda que a Constituição Federal de 1988 assegure a laicidade do Estado. O lema da campanha de Jair Bolsonaro, em 2018, “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos”, e a declaração de Michelle Bolsonaro em um ato na Avenida Paulista em 2024, organizado pelo pastor Silas Malafaia, na qual afirmou que “por um bom tempo fomos negligentes a ponto de falarmos que não poderia misturar política com religião, e o mal tomou o espaço. Chegou o momento da libertação” (Michele [...], 2024), evidenciam a influência cristã na sociedade brasileira como ferramenta de dominação.

Esse paradigma cristão, baseado em sentimentos de culpa, vergonha e medo, parece confirmar a afirmação de Sigmund Freud (2010) em *O mal-estar na civilização*, que aponta que o sentimento de culpa é o maior entrave ao progresso civilizatório. A propósito, entendemos que analisar esses sentimentos à luz da psicanálise contribui para uma compreensão mais profunda da dinâmica social e individual em sociedades marcadas pela moral cristã, pois a culpa, a vergonha e o medo são objetos de estudo da área, considerando inclusive que tais sentimentos se relacionam

3 LGBTQIAPN+: Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais/Travestis/Transgêneros, *Queer*, Intersexo, Assexuais/Arromânticos/Agênero, Pansexuais/Polissexuais/Panromânticos, Não Binários e muito mais.

4 Ver: IPSOS. *Global religion 2023: religious beliefs across the world* (2023). Disponível em: <https://www.ipsos.com/sites/default/files/ct/news/documents/2023-05/Ipsos%20Global%20Advisor%20-%20Religion%202023%20Report%20-%202026%20countries.pdf>.



entre si.

Segundo Freud (2010), o medo tem relação com a origem da culpa, que pode surgir a partir do medo de uma autoridade externa (como instituições cristãs, por exemplo), ou de uma autoridade interna, no caso, o superego, instância do aparelho psíquico que visa impor o ego a se portar de uma determinada maneira moral e que está relacionado aos tabus sociais. A vergonha, por sua vez, é secundária à culpa, pois aquela não diz respeito às ações pessoais, mas às inadequações perante o olhar julgador de um Outro (Just, 2017). Nesse sentido, a culpa tem a ver com violações de padrões morais, enquanto a vergonha assume uma dimensão eminentemente social, a partir de um Outro.

Com base nesse contexto, lançamos um olhar analítico sobre o romance de estreia do autor cearense Stênio Gardel, *A palavra que resta* (2021). O objeto de análise conta com um protagonista marcado por culpa, medo e vergonha ao lidar com a sexualidade, sendo o ponto de referência para levantar nossa discussão. Na história apresentada pela obra, Raimundo Gaudêncio de Freitas, analfabeto de 71 anos de idade, ingressa na escola em idade avançada para aprender a ler e escrever. Como principal motivação, o protagonista tem uma carta que carrega há mais de 50 anos, porém nunca lida. Tal carta foi enviada por Cícero, seu primeiro e grande amor. Durante a juventude, o casal, proveniente de um cenário rural, se envolve secretamente por dois anos, até serem descobertos e brutalmente separados. Após as reações negativas dos pais, seu Damião e dona Caetana, Raimundo decide sair de casa e abandonar a família. Antes de partir, porém, recebe a carta do amado e a leva consigo.

Neste artigo, por meio de uma abordagem analítica transdisciplinar entre literatura, psicanálise e ciências sociais, buscamos analisar como os sentimentos de culpa, medo e vergonha operam como uma forma de controle na personagem Raimundo. Com trechos da narrativa, levantamos discussões sobre como tais sentimentos são incutidos nos sujeitos de modo a determinar padrões e normas segundo uma lógica cristã, bem como os desvios e suas consequências.

2 Culpa, medo e vergonha: um estudo da personagem Raimundo

No contexto contemporâneo da sociedade brasileira, o romance *A palavra que resta* (2021) evidencia a persistência dos valores cristãos de forma marcante. Eles se manifestam principalmente nos espaços narrativos, nas relações entre personagens, na simbologia e nas atitudes do protagonista Raimundo que, eventualmente, liberta-se do ciclo vicioso imposto por tais valores. Raimundo encontra-se imerso nesse contexto permeado pelo conceito de pecado, vivendo em uma cidade do interior brasileiro e pertencendo a uma família cujos princípios são regidos por valores cristãos. No romance, expressões não hegemônicas da sexualidade de personagens geram traumas



transgeracionais por meio de padrões agressivos de comportamento na família de Raimundo. Por exemplo, o avô de Raimundo agride o próprio filho Dalberto por ser homossexual e o afoga em um rio, o que é replicado pelo pai de Raimundo, seu Damião, ao espancar o protagonista por relacionar-se com Cícero. Posteriormente, Raimundo também reproduz esses padrões violentos quando conhece a travesti Suzzanný. O protagonista tem a chance de elaborar seus traumas somente a partir da meia-idade, desvencilhando-se desses ciclos de violência. Isso nos revela o quanto difícil é romper a regulação comportamental imposta pela sociedade cristã, sobretudo em relação à sexualidade.

Pela natureza mais sucinta nesse tipo de trabalho, optamos por um recorte nos momentos da narrativa referentes à juventude de Raimundo. Ao focarmos nos conflitos decorrentes da sexualidade do protagonista, pontuamos que “um dos motes propulsores convencionais da narrativa é o desvendamento gradual das intenções e dos desejos secretos das personagens, das motivações interiores que as levam a agir desta ou daquela forma, ou mesmo a não agir” (Oliveira; Seeger, 2022, p. 15). Nesse sentido, faz-se necessário entender a personagem da narrativa literária como

[...] uma massa verbal tecida de signos, o esboço de um ser virtual cuja feição antropomórfica dependerá, ao fim e ao cabo, do imaginário do leitor para ganhar vida. Ao mesmo tempo, é o veículo principal do conteúdo humano (valores, afetos, maneiras de ser e de agir) que uma narrativa comporta e, nesse sentido, configura-se como o lugar de maior intimidade e comunicação entre autor e leitor (Oliveira; Seeger, 2022, p. 11).

Movendo nossa discussão para a ideia de culpa, Taís Gaspar (2007, p. 47), em seu artigo *O sentimento de culpa e a ética em psicanálise*, baseando-se em estudos freudianos, caracteriza o sentimento de culpa como uma renúncia da satisfação pulsional e “um mal-estar que surge em razão da falta de orientação do sujeito para seu agir no mundo”. Desse modo, o sentimento de culpa mostra-se um problema ético, tanto individual quanto social, relacionado ao modo como a busca pela orientação está articulada no ser humano.

Sigmund Freud (2010), como mencionado anteriormente, explica que há duas origens do sentimento de culpa, ambas pelo princípio do medo. Uma delas se dá por medo de uma autoridade externa – que pode ser simbolizada pela família, pela escola ou pela religião, por exemplo –, enquanto a outra, por medo de uma autoridade interna, o superego. A primeira insiste numa renúncia às satisfações instintivas; a segunda, ao mesmo tempo em que faz isso, exige punição, uma vez que a continuação dos desejos proibidos não pode ser escondida do superego. Nas palavras de Freud,

Originalmente a renúncia ao instinto é resultado do medo à autoridade externa; renuncia-se a satisfações para não perder o seu amor. Tendo feito essa renúncia, estamos quites com ela, por assim dizer; não deveria restar sentimento de culpa. É diferente no caso do medo ante o Super-eu. Aí a renúncia instintual não ajuda o bastante, pois o desejo persiste e não pode ser escondido do Super-eu. Apesar da renúncia efetuada produz-se um sentimento de culpa, portanto, e essa é uma grande desvantagem econômica na instituição do Super-



eu, ou, como se pode dizer, na formação da consciência. A renúncia instintual já não tem efeito completamente libertador, a abstenção virtuosa já não é recompensada com a certeza do amor; um infortúnio que ameaça a partir de fora - perda do amor e castigo da autoridade externa - é trocado por uma permanente infelicidade interna, a tensão da consciência de culpa (Freud, 2010, p. 97-98).

Consoante a teoria psicanalítica freudiana, o sentimento de culpa emerge da consciência da supervigilância do ego. Isso resulta em um mal-estar que nos leva a questionar nossas ações, discursos e expressões. Jacques Lacan (1991) complementa a ideia de Freud, afirmando que a única culpa que o sujeito pode carregar é a de ter cedido de seu desejo. Assim, a culpa para Lacan é uma espécie de desejo de morte que exclui o desejo.

Como exemplo, podemos observar um trecho de nosso objeto de análise. Quando Raimundo sente-se atraído sexualmente por Cícero pela primeira vez, logo sucede uma inquietação sobre a moralidade daquele desejo. Uma vez estabelecida a relação heterossexual como modelo a ser seguido em uma sociedade fundamentada em valores cristãos altamente regulatórios sobre a população⁵, os desvios desse padrão geram um conflito interno na personagem. Na passagem do romance, percebemos como o próprio Raimundo, na juventude, tem internalizadas tais pressuposições.

Se conheciam desde meninos, nascidos na mesma comunidade. Foi aos dezessete, num forró na quadra do grupo, que os olhos cor de terra de Cícero lavraram Raimundo.
— Festa boa, né, Gaudêncio? Muita moça bonita.
— É.
Raimundo achou Cícero bonito, de uma boniteza parecida com a que via nas moças. Coração inquieto, sangue enxerido no pé da barriga. Caule plantado. Deitado na rede, imagens buliçosas na cabeça reviravam o corpo. Corpo de homem, o dele e o de Cícero. Homem com mulher, homem com homem não prestava, as pessoas falavam disso, homem tinha que achar era mulher bonita, homem que achava homem bonito não era homem, mas era homem e achava Cícero bonito! E será que Cícero achava Raimundo bonito também? (Gardel, 2021, p. 13-14).

Os papéis de gênero mostram-se bastante marcados quando o protagonista tenta definir o que significa “ser homem”, recaindo sempre em expectativas heterossexuais. Logo, o desvio desse padrão ganha um *status* condenável, que também pode se atrelar à ideia de pecado. Ao notar a atração sexual que sente por Cícero, Raimundo é imediatamente tomado pelo sentimento de medo diante de seu desejo desviante. Em relação à culpa num âmbito ético, Gaspar (2007, p. 55) argumenta que a exclusão de uma pulsão de morte pelo princípio de prazer “se manifesta por meio de condenações morais que se fazem sentir como culpa – sentimento de estar sempre inadequado ao mundo, harmônico e regulado pelo princípio”.

Como desdobramento desse sentimento de culpa, surge a vergonha, manifestada quando

5 Ver: Bíblia Online. Levítico 18:22. Disponível em: <https://www.bibliaonline.com.br/acf/lv/18/22>. Na passagem bíblica Levítico 18:22, relativa à Lei de Moisés, no Antigo Testamento, há a ordem: “Com homem não te deitarás, como se fosse mulher; abominação é”. No hebraico, o termo usado para o que essa tradução chama de abominação é *toevah*, que tem o sentido de impureza ou ofensa ritual.



internalizamos o olhar crítico de um Outro. A vergonha, portanto, adquire uma dimensão social, causando o efeito de inadequação perante o julgamento desse Outro. Em uma análise sobre a vergonha em obras de Albert Camus, Daniel Just destaca a lógica mais especulativa da vergonha, proveniente de um reconhecimento do “olhar condenador”⁶ de um Outro, levando-nos a questionar nossas próprias atitudes.

O conceito de vergonha no discurso ocidental geralmente carrega uma significância moral menor do que a culpa. Ao contrário da culpa, que se refere às ações e intenções de alguém, a vergonha está relacionada aos afetos e emoções. Enquanto a culpa é essencialmente de natureza mimética e identificatória, a lógica que perpassa a vergonha é da ordem especulativa: a experiência da vergonha depende da consciência de estar exposto a um olhar de vergonha, e portanto, da consciência de um eu autônomo que não está imerso na dinâmica interpessoal da mesma forma que o eu culpado. Embora a vergonha claramente não esteja sem relações com a ação, pois é principalmente experimentada como uma consequência imediata das próprias ações, o sentimento de vergonha indica tanto uma falha no comportamento quanto uma falha na personalidade. Pode-se, de fato, experimentar a vergonha como um produto de comportamento inadequado, mas ao contrário do constrangimento ou arrependimento, a vergonha atinge um nível existencial mais profundo, e apesar de não revelar necessariamente uma verdadeira falha de personalidade, ela sempre implica em um questionamento de si mesmo⁷ (Just, 2017, p. 11, tradução nossa).

Em suma, os três sentimentos – culpa, medo e vergonha – são interligados. No princípio desse conjunto está o medo de autoridade, seja ela externa ou interna, que causa o sentimento de culpa no sujeito por repressão ou por não atender às expectativas impostas por essa autoridade. Conseqüentemente, a vergonha transcende para um plano social, mediada pelo olhar de um outro. Como afirma Ruth Leys (2007), a vergonha não tem a ver com suas ações, mas com falhas e inadequações de uma pessoa quando reveladas por um olhar condenador de um Outro. A internalização desses sentimentos pode ter efeitos nocivos, levando a um círculo vicioso que retroalimenta o medo. No caso do romance, notamos esse medo quando Raimundo se inquieta com a possibilidade de ter sua sexualidade descoberta.

Trabalhavam os dois sozinhos, roçando as terras do pai de Cícero, dias depois. Uma chuva fina e ligeira excitou o chão. A vista de Raimundo escapulia até o corpo do outro, de peito duro descamisado, coberto de suor e poeira. Paisagem que desperta num pássaro preso o desejo de voar. Raimundo gaiola. Se Cícero percebia, Raimundo acoitava o olhar, mas o brilho da foice lhe cortava logo a paciência, e ele de novo se afoitava a encarar o amigo, contando que a cabeça decidisse se iria querer o que o corpo queria.
— Que foi, Gaudêncio?
Eita, e agora? vai brigar comigo, espalhar pro povo todo, Raimundo baitola, Que história é essa de ficar me encarando? que que tu foi fazer, Raimundo? ele é meu amigo, vai dizer nada não, não era nada de todo jeito, Nada não (Gardel, 2021, p. 14).

6 Tradução livre nossa para que o autor chama de “shaming gaze”.

7 No original: The concept of shame in Western discourse has often carried a lesser moral significance than guilt. Unlike guilt that pertains to one’s actions and intentions, shame relates to one’s affects and emotions. While guilt is of an essentially mimetic and identificatory nature, the logic that underlies shame is of a specular kind: the experience of shame depends on the awareness of being exposed to a shaming gaze, and therefore on the consciousness of an autonomous self that is not immersed in the interpersonal dynamic to the same extent as the guilty self. Although shame is clearly not without ties to action because it is mostly experienced as an immediate consequence of one’s deeds, the feeling of shame indicates both a shortcoming in behavior and a flaw in personality. One can, indeed, experience shame as a product of faulty conduct but unlike embarrassment or regret shame touches one on a deeper existential level, and even though it does not necessarily reveal a real personality flaw it always implies selfquestioning.



Quando Cícero percebe os constantes olhares de Raimundo, o protagonista teme um “olhar condenador” do amigo, preocupando-se com o “olhar social” sobre seus desejos caso Cícero “espalhe pro povo todo”. Aqui, Raimundo é tomado pelo medo e a vergonha de ser reconhecido como homossexual, implicando em uma vida dissidente da expectativa hegemônica sobre “ser homem”. Como consequência, a personagem busca encobrir sua sexualidade a fim de não perder a identidade heterossexual, gerando um conflito interno também representado na metáfora “Raimundo gaiola”. Esse recurso linguístico acentua o poder de (auto)censura e (auto)punição envolvido no sentimento de culpa.

Em contextos sociais caracterizados pelo autoritarismo, segregação e exclusão, é recorrente a utilização do sentimento de culpa como um instrumento de regulação moral⁸, agindo como extensão do superego. Paralelamente, em uma sociedade calcada fortemente em valores cristãos, o medo, a culpa e a vergonha podem ser empregados como formas de regulamentar comportamentos. Nesse contexto, a noção de pecado surge como uma representação proeminente desses sentimentos. Indo ao encontro dessa ideia, Freud estabelece uma aproximação entre o sentimento de culpa e o conceito judaico-cristão de pecado:

Primeiro, ao se perguntar como alguém adquire sentimento de culpa, obtém-se uma resposta que não admite discussão: a pessoa se sente culpada (‘pecadora’, dizem os devotos) quando fez algo que é reconhecido como ‘mau’. Em seguida, vemos como essa resposta é pouca. Após alguma hesitação, talvez se acrescente que mesmo quem não fez esse mal, e apenas reconhece em si o propósito de fazê-lo, pode se considerar culpado, e então se levantará a questão de por que, nisso, o propósito é equiparado à execução. Os dois casos, porém, pressupõe que já se reconheceu o mal como algo repreensível, cuja execução deve ser evitada. Como se chega a essa decisão? É lícito rejeitar uma capacidade original, por assim dizer ‘natural’, para distinguir entre o bem e o mal. Com frequência o mal não é, em absoluto, uma coisa nociva ou perigosa para o Eu, mas, pelo contrário, algo que ele deseja e que lhe dá prazer. Aí se mostra, então, a influência alheia; ela determina o que será tido por bom ou mau (Freud, 2010, p. 93).

Essa ideia pode ser ilustrada em outra passagem do romance. Após um momento de hesitação, Raimundo se envolve com Cícero e ambos estabelecem um relacionamento amoroso. Entretanto, perdura a sensação de erro e imoralidade ao longo do período em que o casal permanece junto.

Quis responder, não respondeu, mas respondeu. Cícero se aproximou devagar, chegou bem perto, assim, o rosto a um palmo do rosto de Raimundo, com uma mão agarrou a nuca dele, pelo lado esquerdo, perto da mecha de cabelo branco, com a outra apertou sua cintura. Raimundo não se mexeu. Se fincou nos olhos castanhos, tateando o calor que rastilhava o corpo e dilatava as veias, sem saber onde pôr a cabeça, as mãos, os pés, o membro que crescia entre as coxas. Terra saliva línguas braços pernas bocas fome vida. Se encontravam quase todo dia. O risco era grande. Tudo na moita. Na moita mesmo se escondiam dos outros e se mostravam um para o outro. Homem e homem, e se entendiam muito bem, se gostavam. Gosto bom mas que deixava um ranço arranhando as ideias.

8 Um exemplo dessa dinâmica é observado no romance *Boyhood*, de J. M. Coetzee, em que sentimentos de culpa e de vergonha se apresentam como marcadores de vigilância do regime do Apartheid, na África do Sul, a partir de uma perspectiva infantil do protagonista (Amaral, 2016).



Dois anos durou (Gardel, 2021, p. 14-15).

Uma vez estabelecida a norma e o desvio da heterossexualidade, socialmente inculcada em nós desde tenra idade, a culpa opera como mecanismo para controlar os sujeitos que não se enquadram na expectativa social. No caso do romance, embora mantenham um relacionamento por dois anos, Raimundo e Cícero usufruem de seus desejos sempre de maneira sigilosa. Todavia, não conseguem escapar do autojulgamento, que os condena mesmo escondidos dos olhares alheios.

Sob a égide do pecado, então, a Igreja cristã pode assumir um papel representativo do superego, estabelecendo normas do que é bom, e o que é mau, o que é moral e o que é amoral. Curiosamente, é essa mesma instituição eclesiástica que oferece uma solução para a mitigação do sentimento de culpa por meio do ritual da confissão, proporcionando a expiação dos pecados. Esse processo amplifica ainda mais o controle social exercido pela Igreja cristã, que, ao mesmo tempo que é responsável por instigar o medo, a culpa e a vergonha, detém o poder de aliviar tais sentimentos no indivíduo. James Gillian associa essa dinâmica ao conceito de punição:

A constatação de que a dor e a punição aliviam ou diminuem os sentimentos de culpa é uma verdade psicológica que a Igreja Católica institucionalizou séculos atrás nos sacramentos e rituais de confissão e penitência. A confissão é uma autoexposição ou autoenvergonhamento. E a penitência é uma autopunição; ela deriva das mesmas raízes gregas e latinas que dor e punição. O que a Igreja descobriu foi que esses são meios pelos quais uma pessoa pode experimentar a sensação de não mais estar culpada (o que a Igreja chama de absolvição dos pecados)⁹ (Gilligan, 2021, p. 11, tradução nossa).

Nesse sentido, a Igreja se aproxima da segunda manifestação do sentimento de culpa postulada por Freud, em que há a renúncia às satisfações instintivas e também a exigência de punição, pois não se pode esconder os desejos moralmente proibidos. Ou seja, a Igreja assume tanto um papel de autoridade externa quanto o de uma instância como o superego, autoridade interna que exige uma (auto)punição. O sentimento de culpa, então, representa a expressão do medo em relação ao superego e reflete a angústia experimentada pelo ego por não atender às exigências superegóicas, temendo, por conseguinte, ser punido ou castrado por essa instância. A culpa cristã se torna, portanto, uma forma de institucionalização do superego por meio de dogmas cujas raízes estão na cultura e na justiça medieval, mas ainda estão presentes na sociedade contemporânea. Voltando nossa atenção à análise do romance, em dado momento da narrativa, Cícero questiona o relacionamento com Raimundo ao constatar o desvio da expectativa social.

9 Tradução nossa: the fact that pain and punishment relieve or diminish feelings of guilt is a psychological truth that the Catholic Church institutionalized centuries ago in the sacrament and rituals of confession and penance. Confession is self-exposure or self-shaming. And penance is self-punishment; it comes from the same Greek and Latin roots as pain and punishment. What the Church discovered was that these are means by which a person can experience the feeling of no longer being guilty (which the Church calls the absolution of sins).



— Está calado, Cícero.
 Estava, mas desatou a falar.
 — Tu não acha que é errado isso? Passar o resto da vida assim? E quando tu ficar mais velho e eu ficar mais velho, casado com filho e com isso escondido? E quando tem gente perto, tem que ficar vigiando pra não olhar como quer olhar, não falar como quer falar. Tu não pensa nisso não, hein, Gaudêncio? Não pensa?
 — Será se a gente não pode viver junto, sem casar com mulher? Cícero se levantou, começou a se vestir.
 — Ficou besta?
 — Tu vai pra onde, Cícero?
 — Vou pra casa, tu fica aí com essa conversa, melhor eu ir pra casa.
 Raimundo ficou só (Gardel, 2021, p. 24-25).

No excerto, notamos como há uma tentativa de conformidade com a heterossexualidade, o casamento e a constituição de família segundo o modelo cristão: marido, mulher e prole. Quando Raimundo propõe romper com esse padrão, Cícero mostra-se relutante de imediato. A ideia de erro atribuída à relação homoafetiva também pode se relacionar com o pecado, que poderia ser expiado caso haja a abdicação dos desejos a fim de se adequar aos moldes tidos como corretos. Nessa lógica, as normas heterossexuais atuam como a salvação do pecado da homossexualidade. Tal círculo vicioso se intensifica, uma vez que, “quanto mais se renuncia, mais o superego exige renúncia. A instância que deveria impedir a satisfação acaba se satisfazendo com essa atividade de exigir a renúncia. Quanto mais o sujeito atender a essa exigência, mais culpado ele se sentirá” (Gaspar, 2007, p. 58). Freud relaciona a Igreja com a ideia de culpa:

Pelo menos as religiões não desconhecem jamais o papel do sentimento de culpa na cultura. Elas pretendem – algo que não consideram em outro lugar – redimir a humanidade desse sentimento de culpa a que chamam pecado. A partir do modo como se atinge essa redenção no cristianismo, com a morte sacrificial de um indivíduo que toma a si a culpa comum a todos, inferimos qual poderia ter sido a primeira ocasião em que se adquiriu essa culpa original, com a qual também a cultura teve início (Freud, 2010, p. 108-109).

É relevante ressaltar que a forte influência de valores cristãos na sociedade ocidental persiste desde a era medieval até os dias de hoje. Desde então, a moral cristã, fundamentada no medo, na culpa e na vergonha, elementos intrinsecamente relacionados à noção de pecado, foram veementemente difundidos pela Igreja e internalizados pela sociedade, moldando padrões comportamentais e estabelecendo normas sociais rígidas e controladoras¹⁰. Partindo da conceituação de Freud sobre a origem do sentimento de culpa, entendemos que a vigilância exercida pelo superego é amplificada e destacada, especialmente em relação às instituições sociais. Nesse sentido, a culpa se revela

¹⁰ A obra literária *A divina comédia*, escrita no século XIV por Dante Alighieri (1888), ilustra precisamente como a sociedade da época era calcada por valores da Igreja, fundamentada no pecado como forma de controle social. Nos chama a atenção uma cena quando o narrador encontra no terceiro vale do sétimo círculo do inferno pessoas “violentas contra a natureza de Deus”, que são condenadas a correr sem rumo pelo deserto e se pararem, devem permanecer no mesmo local por mil anos. O pecado delas, basicamente, foi ter uma sexualidade divergente da heterossexualidade. Portanto, em *A divina comédia*, a homossexualidade é representada pecaminosamente mais grave que alguns dos pecados capitais, como a luxúria (segundo círculo), a gula (terceiro círculo) ou a ira (quinto círculo).



como uma forma de poder, conforme analisado por Michel Foucault (1987, p. 143), que descreve a vigilância como uma prática de controle constante e onipresente:

A disciplina ‘fabrica’ indivíduos; ela é a técnica específica de um poder que toma os indivíduos ao mesmo tempo como objetos e como instrumentos de seu exercício. Não é um poder triunfante que, a partir de seu próprio excesso, pode-se fiar em seu superpoderio; é um poder modesto, desconfiado, que funciona a modo de uma economia calculada, mas permanente.

Em específico, a sexualidade emerge como um dos principais pontos de vigilância para os valores da cultura cristã ocidental. Isso incide na repressão ou recalque de certos tipos de expressões de sujeitos que diferem de um padrão heteronormativo. Raimundo, por exemplo, encontra-se permeado dos sentimentos de culpa, vergonha e medo ao vivenciar sua sexualidade. Essa dinâmica da vigilância da sexualidade como controle social ressoa com as observações de Guacira Lopes Louro sobre as estratégias de disciplinamento social:

Redobra-se ou renova-se a vigilância sobre a sexualidade, mas essa vigilância não sufoca a curiosidade e o interesse, conseguindo, apenas, limitar sua manifestação desembaraçada e sua expressão franca. As perguntas, as fantasias, as dúvidas e a experimentação do prazer são remetidas ao segredo e ao privado. Através de múltiplas estratégias de disciplinamento, aprendemos a vergonha e a culpa; experimentamos a censura e o controle. Acreditando que as questões da sexualidade são assuntos privados, deixamos de perceber sua dimensão social e política. As coisas se complicam ainda mais para aqueles e aquelas que se percebem com interesses ou desejos distintos da norma heterossexual. A esses restam poucas alternativas: o silêncio, a dissimulação ou a segregação (Louro, 2018, p. 33).

No romance, observamos a dinâmica da vigilância sobre a sexualidade na cena em que, após dias afastados, Raimundo e Cícero se reencontram no rio. As personagens não resistem ao desejo do momento e iniciam um ato sexual naquele local. Entretanto, são surpreendidos pelo pai de Cícero, que imediatamente separa o casal.

— Que porra é essa?
O pai de Cícero pegou o filho de quatro, fechou os cinco dedos da mão direita e o derrubou no chão com um soco.
Seu Nonato, ele é teu filho, a gente é amigo, cresci indo na sua casa e o Cícero vindo na minha, de um tempo pra cá a gente começou a se gostar, a gente não está fazendo mal, não, seu Nonato, precisava bater desse jeito nele não, faça mais isso não, ele é teu filho, levanta, Cícero, se levanta,
Raimundo acabou não dizendo nada, enquanto Cícero limpava o sangue do lábio com o dorso da mão.
Seu Nonato puxou o filho pelo braço.
— Levanta, Cícero, se levanta, veste a roupa e anda pra casa.
Raimundo fez que ia acudir. Parou. Seu Nonato se invocou e mostrou para ele a cara virada no cão.
— E você, seu rapaz? Deixa eu falar pra teu pai, que teu couro vai arder.
Cícero ainda olhou para trás.
a gente não devia ter ficado aqui, a céu aberto, A sombra do cajueiro é boa, Gaudêncio, mas hoje eu quero debaixo do sol, a gente se arriscou demais, isso sim, ficar aqui na beira do rio, mas na hora, na hora a gente viu que não podia ser outra hora, esse tempo todo sem se ver, sem se tocar, quando um corpo encostou no outro, foi a vontade todinha desses dez dias, conversa, foi a vontade de muito mais tempo, era a vontade da vida toda, que já passou e que ainda vai passar, que toda vez a gente sentia essa agonia boa aqui dentro, dizendo sim pra vontade e a vontade aperreando o sim do corpo, da cabeça, do tempo, e



eu não podia esperar mais não, nem ele, dava não, foi por isso que vim, Cícero, tu também sente assim, mas ficou com aquela conversa de futuro, ter mulher, ter filho, se assustou, me assustou também, eu fiquei foi com uma agonia ruim aqui dentro, longe de tu, não podia esperar mais não, ia bem deixar teu juízo decidir nossa vida, aquelas palavras lá que tu me falou na última vez no cajueiro e depois foi embora, eu vim atrás de tu e agora, como vai ser? Tua família vai saber, minha família vai saber, se fazia rebuliço na nossa cabeça avalie na cabeça do pai da gente, o desgosto, a raiva que vão sentir, tu sabe o que pensam de gente assim, assim como nós dois, não sabe? pensam é tudo de ruim, pior que doença, cadê minha calça? vou ter que falar com o pai, dizer o quê? e pra mãe? (Gardel, 2021, p. 15-16).

Nesse momento, culmina todo o sentimento de culpa, medo e vergonha no protagonista. Se antes da descoberta Raimundo se inquieta constantemente com sua sexualidade, após esse episódio, a personagem entra em desespero. Os pensamentos são refletidos em uma passagem com ausência de pontos finais, contando somente com vírgulas e pontos de interrogação. Como efeito, transmite-se a ideia de ansiedade e aflição, decorrentes de todo o conflito vivido por Raimundo em uma situação fortemente marcada pelo desvio da heterossexualidade e suas consequências. Em particular, o desapontamento diante da família, como se fosse uma desonra e um pecado ser homossexual, infringindo os padrões altamente regulatórios e reforçados em instituições como a Igreja.

Freud igualmente relaciona a culpa com desejos sexuais ao questionar como um aumento nesse sentimento pode substituir uma demanda erótica insatisfeita.

Pois como explicar, dinâmica e economicamente, que no lugar de uma exigência erótica não cumprida surja o sentimento de culpa? Isso parece possível apenas por um rodeio: que o impedimento da satisfação erótica desperte um quê de pendor agressivo contra a pessoa que atrapalha a satisfação, e que essa agressividade mesma tem de ser suprimida. Mas então é somente a agressividade que se transforma em sentimento de culpa, ao ser suprimida e transmitida para o Super-eu (Freud, 2010, p. 112).

A vergonha, como mencionado anteriormente, decorre do sentimento de culpa em um plano social, quando internalizamos um olhar crítico vindo de outrem. Em sociedades fortemente calcadas em valores judaico-cristãos, é comum que desvios da sexualidade heteronormativa resultem na vergonha, dada sua dimensão social que faz o sujeito sentir-se inadequado diante do julgamento alheio. Se a própria expressão de uma forma de sexualidade diferente da heterossexual causa uma culpa, isso tem desdobramentos no plano social e pode gerar o sentimento de vergonha. Em Raimundo, esses sentimentos são ainda mais intensificados quando o pai, seu Damião, resolve puni-lo com agressões físicas.

[...] o pai rondando atrás de mim, as costas viradas pra ele, mas ele não começa, me deixa esperando, que fiapo de esperança é esse? não vai mais me açoitar? esperando eu dizer alguma coisa? só arquejando, não fala nada, fica pisando de um lado pro outro, amolando o cinturão na perna da calça, preparando o braço, o quê? vai esperar mais quanto? se era errado, era errado mesmo, pai?
— Pai,
a palavra desamarrou sei lá o quê dentro dele, só sei que estava com raiva, era errado pra



quem? tem gente que acha que, Cícero, Cícero, Cícero, homem fodendo homem, homem gostando de homem, é, meu pai, teu filho gosta de homem, o senhor não esperava, eu não esperava, é coisa de dentro da gente, meu pai, o de dentro a gente não vê, mas eu sinto e podia falar, o senhor não vai ouvir? por quê? só porque foi criado assim? porque é assim que tem que ser? é assim? pai enraivecido com filho? se eu falar, o senhor vai escutar? vai nada, desse jeito como é que escuta, eu, eu escuto é o cinturão retalhando meu couro, querendo rasgar meu pensamento em Cícero, meu pensamento eu escuto também, que ele resiste e está gritando aqui dentro, mais alto que se eu gritasse de verdade, e nem assim o senhor ia escutar (Gardel, 2021, p. 32-33).

Embora o protagonista saiba que as punições são incapazes de alterar ou converter sua sexualidade, há uma espécie de conformidade com aquelas agressões, pois Raimundo não se rebela contra elas, tamanha a culpa que sente. Em outro momento, a personagem tenta rever Cícero, mas o reencontro é frustrado e seu Damião novamente entra em cena, repetindo a surra no filho. A própria irmã caçula, Marcinha, se assusta com o nível da brutalidade acometida contra Raimundo.

— O pai perdeu o juízo, Raimundo? Minha Nossa Senhora, tuas costas! Choro sim, você quer o quê? Nem um animal merece uma coisa dessa, avalie um filho! Eu sabia que não devia ter dito nada.

— A culpa não é sua, minha irmã, é só minha.

Só dele, que arriscou algumas braçadas em direção ao impossível.

— Agora tu desse jeito, meu irmão (Gardel, 2021, p. 63).

Notamos como o protagonista encontra-se imerso de culpa a ponto de acreditar que ele é o próprio responsável pelas agressões. Raimundo, aqui, reconhece-se como uma espécie de pecador, que merece ser punido diante de sua conduta pecaminosa. Uma posição que reverbera o modo como a Igreja Católica tem se posicionado diante da homossexualidade. O Papa Francisco, embora tenha dito que apoia leis que buscam amparar “pessoas com orientações sexuais diversas”, defendeu abertamente que a instituição do casamento deve ser realizada exclusivamente entre homem e mulher¹¹, reafirmando a posição dogmática da instituição. Essa aparente dualidade no discurso evidencia a persistência da regulamentação social de moral e valores cristãos, em que o dogma eclesiástico permanece como um ponto intransigente, principalmente em relação à sexualidade, podendo gerar mal-estar com sentimentos de medo, culpa e vergonha.

A propósito, a ideia de vergonha na Bíblia está intimamente ligada com a sexualidade ou a expressão da sexualidade, como aponta Anamaria Nogueira (2016, p. 49) em seu texto *Incidências da vergonha na contemporaneidade*. A pesquisadora ilustra esse argumento ao analisar três passagens bíblicas específicas: a primeira, no relato de “O Homem no Paraíso”, Adão e Eva não se envergonham de sua nudez; a segunda, em “Tentação e Queda”, narra o surgimento da vergonha como uma forma de punição da lei de origem divina, evidenciando a imposição de uma norma

11 Ver: EURONEWS. *Same-sex civil unions ‘good and helpful to many’, says Pope Francis* (2021). Disponível em: <https://www.euronews.com/2021/09/16/same-sex-civil-unions-good-and-helpful-to-many-says-pope-francis>.



moral externa, nesse caso, por Deus; por fim, o episódio da “Expulsão do Paraíso” simboliza como a vergonha em relação à exposição de seus órgãos sexuais torna-se inevitável, após Adão e Eva serem expulsos do paraíso. Essas passagens exemplificam como a vergonha se torna associada a expressões da sexualidade, refletindo uma dimensão moral e normativa presente desde os primórdios da tradição cristã até os dias de hoje.

No romance *A palavra que resta*, as surras do pai corroboram a ideia de desvio sujeito a punições, e as falas da mãe concretizam o ideal de erro e imoralidade no protagonista. Após dias de um silêncio passivo-agressivo diante da situação, dona Caetana, que perdera os filhos gêmeos Antônio Manoel e Pedro Manoel, perde mais um filho quando dá seu veredito a Raimundo.

— E vai ficar em casa como?
 — Em casa, mãe.
 — Mas essa história com Cícero dentro de casa também?
 — Eu e o Cícero, não sei mais como vai ficar.
 — Quando vocês começaram com isso? Foi antes que embuchei dos gêmeos?
 — Foi, faz bem dois anos.
 — E tu não pensa que foram tuas mãos sujas que tiraram a vida do Pedro quando tu segurou ele? E do Manuel, que a casa já estava toda empestada desse pecado, dessa imundice tua com Cícero? Isso que tu fez não é coisa de homem nem coisa de Deus!
 A mãe começou a chorar.
 — Pois eu acho que tu devia ir embora, pra longe, porque depois do que tu fez tu não pode mais ficar aqui não.
 A voz que afaga, a voz que afoga.
 — O pai
 — Teu pai não vai deixar tu ir, nem que tenha que te pregar na cama com tuas feridas, ele não vai deixar, e ele acredita que tu desistiu de ir embora, de Cícero, dessa história toda de homem com homem. Aproveita que tu melhorou. Melhor tu ir. Pra longe, agora, enquanto teu pai não chega do sítio.
 Ela fez que ia tocar o rosto de Raimundo com uma das mãos, mas percebeu. Ele chorou. Ela voltou ao silêncio. E não precisava dizer mais nada (Gardel, 2021, p. 77-78).

A mãe relaciona a sexualidade do filho com imundice ao dizer “tuas mãos sujas” e “imundice”, também afirmando que as atitudes do protagonista não são “coisa de homem nem coisa de Deus”. Nesse momento, instaura-se por completo a ideia de pecado em Raimundo, como se a homossexualidade fosse detentora de desgraças na família. Mesmo sem agressões físicas, as palavras da mãe são cruéis a ponto de infringir feridas, que permanecem abertas no filho por décadas. O impacto da fala da mãe é tamanho que o filho se vê obrigado a sair de casa. Portanto, notamos como o sentimento de culpa, medo e vergonha estão entrelaçados à ideia de culpa cristã, uma das responsáveis pelo controle dos sujeitos por meio de seus dogmas e morais. Raimundo entende-se como um pecador e um merecedor das punições que recebe do pai e da mãe, e leva uma vida amargurada diante da vivência de sua sexualidade durante a juventude.

3 Considerações finais

A partir desta análise da juventude do protagonista Raimundo em *A palavra que resta*,



destacamos a significativa pressão experienciada pela personagem para conformar-se com a sexualidade e os papéis de gênero ditados pelas expectativas heterossexuais hegemônicas, sobretudo se considerarmos uma sociedade fortemente enraizada em valores cristãos. Raimundo é profundamente afetado pelo medo, pela culpa e pela vergonha ao vivenciar uma sexualidade que desvia dos padrões estabelecidos. Diante disso, a personagem até tenta se adequar aos valores e normas hegemônicas de uma cultura ocidental judaico-cristã.

A rejeição de seus desejos homoafetivos na juventude em relação ao amigo Cícero e as punições físicas e verbais por parte dos pais evidenciam a associação da sexualidade com a ideia de pecado, intensificando ainda mais os sentimentos de culpa e vergonha em Raimundo. Isso ressalta a ideia de culpa cristã como um mecanismo de controle social que perpetua o sofrimento, a autocondenação e autopunição do protagonista. Notamos, então, como a família é uma das unidades responsáveis por disseminar as morais cristãs, além de outras instituições como a própria Igreja e o Estado.

Nesse contexto, a vivência da sexualidade durante a juventude de Raimundo é marcada por conflitos internos e sociais, refletindo as consequências opressivas e controladoras da moralidade sobre a individualidade e a identidade. Como consequência, mesmo nos momentos de entrega ao desejo, o protagonista encontra-se em constante estado de inquietação e vigília. E após ter a sexualidade descoberta pelos pais, há uma espécie de conformidade com as punições, como se elas fossem um merecimento pelo desvio das expectativas sociais.

Pontuamos aqui que, apesar dessas temáticas discutidas no artigo, o romance também oferece uma perspectiva de esperança e de superação desses sentimentos que aprisionam Raimundo em si mesmo, quando levamos em conta toda a trajetória da personagem até a velhice (Leme Medeiros, 2024). Isso está em consonância com a visão de Raquel Oliveira e Gisele Seger (2022, p. 15), que asseveram que a “ficção narrativa assume, como uma das suas tarefas primordiais, a investigação e o descortinamento dos dramas subjetivos, tarefa que é compartilhada com o leitor que, desse modo, simula um tipo especial de percepção e conhecimento da alteridade”.

Em contraposição ao paradigma cristão, em que o medo, a culpa e a vergonha são modos de levar a uma confissão e retornar ao ciclo do medo, Raimundo logra libertar-se desse ciclo vicioso por meio da reflexão e da elaboração de traumas, dos afetos e da alfabetização, tanto simbólica quanto literal. O protagonista faz uma confissão fugindo da lógica cristã, sem autoflagelo, autopunição ou renúncia do desejo. Pelo contrário, ele assimila e integra seu desejo, conseguindo performatizar sua identidade e sexualidade sem medo, culpa e vergonha. Portanto, podemos pensar a representação de Raimundo de forma condizente com a qual Jens Eder (2014) propõe



quando afirma que a personagem é constituída por diferentes camadas de sentido. A personagem é, simultaneamente, um ser ficcional, pois apresenta certas características que a definem como habitante do mundo representado (inconfundível com o mundo empírico); um artefato, uma vez que é moldada por estruturas textuais; um símbolo, porque vincula sentidos indiretos corporizando compreensões do humano; e um sintoma, pois fatores da realidade (contexto sócio-histórico, por exemplo) participam de sua construção.

Raimundo é perpassado por várias instâncias na sua composição ao representar um homem iletrado proveniente da área rural em conflito com a própria sexualidade. Suas experiências na juventude são marcadas pelos sentimentos de culpa, medo e vergonha, acentuados pelas morais condenadoras de ordem cristã. Entretanto, ao longo de sua trajetória, a personagem se liberta dessas amarras, podendo experimentar sua sexualidade, seus desejos e seus afetos sem os pesares da culpa cristã.

Referências

ALIGHIERI, Dante. *A divina comédia*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1888.

AMARAL, João. *A escrita de si em Boyhood, de J. M. Coetzee*. 2016. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2016.

CARROLL, Joseph. Aestheticism, Homoeroticism, and Christian Guilt in The Picture of Dorian Gray. *Philosophy and Literature*, Cambridge, v. 29, n. 2, p. 286-304, 2005.

EDER, Jens. Analyzing characters: creation, interpretation, and cultural critique. *Revista de Estudos Literários*, Coimbra, n. 4, p. 69-96, 2014.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. 17. ed. Petrópolis: Vozes, 1987.

FREUD, Sigmund. O mal-estar na civilização. In: FREUD, Sigmund. *Obras completas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 13-122.

GARDEL, Stênio. *A palavra que resta*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

GASPAR, Taís Ribeiro. O sentimento de culpa e a ética em psicanálise. *Psyché*, São Paulo, v. 11, n. 20, p. 47-65, 2007.

GILLIGAN, James. *Shame, guilt, and violence*. [S. l.: s. n.], 2021. Disponível em: <https://www.narcissisticabuser rehab.com/wp-content/uploads/2021/01/shameguiltviolence.pdf>. Acesso em: 23 mar. 2024.



JUST, Daniel. From guilt to shame: Albert Camus and literature's ethical response to politics. *Modern Language Notes*, Baltimore, v. 125, n. 4, p. 895-912, 2010.

LACAN, Jacques. *O Seminário, livro 7: a ética da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1991.

LEME MEDEIROS, Raul. *A vivência dos afetos como ato de coragem no romance "A palavra que resta", de Stênio Gardel*. 2024. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2024.

LEYS, Ruth. *From Guilt to Shame: Auschwitz and After*. Princeton: Princeton UP, 2007.

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes (org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2018. p. 7-42.

MICHELLE usa Bolsonaro como modelo para vender produtos de beleza em rede social. *Estadão*, Brasília, DF, 1 mar. 2024. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia-estado/2024/03/01/michelle-usa-bolsonaro-como-modelo-para-vender-produtos-de-beleza-em-rede-social.htm>. Acesso em: 9 mar. 2024.

NOGUEIRA, Anamaria Batista. *Incidências da vergonha na contemporaneidade*. 2016. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.

OLIVEIRA, Raquel Trentin; SEEGER, Gisele. *A personagem na narrativa literária*. Santa Maria: Ed. UFSM, 2022.

SCOTTI, Sérgio. Culpa e gozo, psicanálise e literatura. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, Porto Alegre, v. 16, p. 217-221, 2003.

